



"PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS"

# Vanguarda Socialista

NESTE NÚMERO:

O PETROLEO BRASILEIRO E A BURGUESIA NACIONAL, Pirajá — COLUNA DE CINEMA, Annabel — CARACTERÍSTICAS DO IMPERIALISMO RUSSO STALINISTA (1) Julian Gorin — EM PERIGO A DEMOCRACIA NO PERU?, Elly O. Col las Sisniegas — GILBERTO FREIRE E OSVALDO DE ANDRADE DISCUTEM O QUE NÃO SABEM, José Almeida — NOTAS.

ANO II Sexta-feira, 15 de Agosto de 1947 N. 103 — RIO DE JANEIRO — BRASIL  
Redação: RUA MEXICO, 98 - 7.º ANDAR — SALA 708 • Diretor: MARIO PEDROSA

Sai às 6as-feiras — Cr\$ 0,50

## O PETROLEO BRASILEIRO e a burguesia nacional

Pensar em termos nacionalistas na solução do problema da exploração do petróleo em nosso país, é dar um atestado de grande alheamento do que ocorre no mundo da política petrolífera das nações imperialistas; é demonstrar ignorância da rivalidade, de longa data existente, entre as grandes potências pela posse das jazidas de óleo cru e pelo domínio dos mercados consumidores; é procurar esquecer que a luta pelo petróleo tem dado lugar a guerras civis, a carnificinas interimperialistas; é fazer tabua rasa da proximidade do perigo de uma terceira guerra mundial e da importância que o combustível líquido ainda desempenhará nessa nova conflagração.

Foi porque levamos em conta tais acontecimentos que afirmamos, aqui mesmo, não passar o jacobinismo do sr. general Horta Barbosa, ao estudar o assunto em recente conferência, de uma atitude infantil, de um quixotismo quase grotesco. Faltam ao Brasil, nesta fase da história dos povos, quando o regime capitalista, neste ocaso de seu desenvolvimento, só encontra no superimperialismo, na formação de um único trust universal para

a exploração dos recursos naturais e de todos os mercados consumidores uma provável hipótese de sobrevivência, faltam ao Brasil, dizíamos, os meios materiais com que se opor à penetração financeira americana nesse setor de nossas atividades, como lhe falecem os recursos financeiros para levar a bom termo a solução dessa magna questão.

A burguesia nacional, não estamos senão repetindo uma verdade cediça, tem-se revelado incapaz na condução de seus negócios; tem manifestado uma irreversível vocação para o suicídio; só conseguiu conservar a independência política da nação valendo-se das contradições interimperialistas e deixando para um eterno amanhã a solução dos problemas que poderiam dar solidez à estrutura econômica da nação. O fato de permanecerem inaproveitadas todas as enormes riquezas naturais do país, riquezas que, desde o Con-

gresso de Oslo, têm despertado a cubícia de outros povos, constitui um atestado irretorquível da incapacidade da burguesia nacional, de sua pequenez em face da magnitude dos problemas que tem de enfrentar.

Se outros exemplos fossem necessários para corroborar a afirmação, tantas vezes já feita, de ser a classe dominante de nosso país incapaz de encontrar uma saída para o impasse em que nos encontramos, nenhum falaria mais alto do que os recentes contratos firmados, os acordos comerciais celebrados com os países europeus do "bloco esterilino": Bélgica, França, Tcheco-Slováquia, e a própria Inglaterra. Apesar das imensas necessidades nacionais de máquinas e ferramentas para a indústria, para a lavoura, para os transportes, os agentes do governo, numa liberalidade criminosa, emprestam a esses países as reservas em dólares que o Brasil acumulou no estrangeiro às custas de ingentes sacrifícios do nosso povo.

No que se refere à extração do petróleo, o Brasil encontra-se diante da grande encruzilhada de seu destino: sua libertação econômica ou sua definitiva degradação ao estado de colônia.

Tomando em consideração a fragilidade do sistema econômico da nação, não vemos como possa o Brasil enfrentar com os seus recursos financeiros a montagem de todo o aparelhamento necessário à extração e ao beneficiamento do óleo das jazidas petrolíferas do país embora não duvidamos em aceitar a participação dos capitais estrangeiros nesse grande empreendimento. Essa participação porém, deve ser aceita com a máxima prudência, pois é de todo mundo conhecido o sofrimento imposto aos povos coloniais, a capacidade de que foram vítimas os países que, neste continente e alhures, deram concessões às nações imperialistas para a exploração de suas jazidas petrolíferas.

se fala". "Potencial econômico da nação; trabalho nativo miseravelmente remunerado; isenção de impostos; privilégios econômicos e tolerância governamental são os fatores do desenvolvimento da indústria petrolífera do México".

No que se refere à riqueza do lençol de óleo cru de certas concessões feitas a companhias inglesas, fala bem alto a seguinte cifra recorde de um dos poços na zona britânica: 261.000 barris, isto é, 41.760.000 litros diários, o que levou os especialistas britânicos a afirmarem que isso equivale à totalidade da dívida pública da Inglaterra. Ao passo que a produção dos poços mexicanos é de cerca de 105 barris, a média da produção dos poços dos Estados Unidos não continua na 2.ª pág.

se fala". "Potencial econômico da nação; trabalho nativo miseravelmente remunerado; isenção de impostos; privilégios econômicos e tolerância governamental são os fatores do desenvolvimento da indústria petrolífera do México".

No que se refere à riqueza do lençol de óleo cru de certas concessões feitas a companhias inglesas, fala bem alto a seguinte cifra recorde de um dos poços na zona britânica: 261.000 barris, isto é, 41.760.000 litros diários, o que levou os especialistas britânicos a afirmarem que isso equivale à totalidade da dívida pública da Inglaterra. Ao passo que a produção dos poços mexicanos é de cerca de 105 barris, a média da produção dos poços dos Estados Unidos não continua na 2.ª pág.

### A VERDADEIRA MASCARA DO VEREADOR IGUATEMY RAMOS DA SILVA

"Não nos reportaremos aos atos discricionários soberbamente conhecidos que o sr. Iguatemy Ramos da Silva praticou na presidência desta Sociedade.

Queremos apenas, sem mais comentários, nem sugestões, anunciar que o desfalque dado pelo Sr. Iguatemy no patrimônio social é, à presente data, da importância de réis 8:969\$421, assim especificado:

Especiais .....	810\$000
Prestação de contas da Procuradoria .....	780\$000
Diferença em Caixa ..	3:729\$382
Vales diversos .....	2:141\$239
Vales na Predial .....	1:508\$000
	8:969\$421

(Do Relatório da Sociedade de Auxílios Mutuos dos Empregados n.º "O Paiz", em 1928, pelo seu presidente João Dalla Déa.)

### As Cooperativas de Consumo são anti--capitalistas

Karl Renner, o mais conhecido dirigente da social-democracia austríaca, sobre as cooperativas de consumo, afirmou que elas representam, pelo mero fato de constituir uma criação anti-capitalista, uma forma de socialização; esta característica não se atenua senão onde as dirigem partidários do movimento das classes médias. "O grande teórico austríaco não emitiu uma opinião leviana, mas sim após estudar profundamente toda a matéria.

O caráter anti-capitalista das cooperativas de consumo não é uma criação artificial dos socialistas. Afirma-se quando nega o próprio lucro capitalista pela instituição do "retorno", pela pro-

priedade coletiva, indivisível, dos fundos sociais e pelo voto singular (um cooperado, um voto) independentemente da importância da subscrição. O caráter anti-capitalista das cooperativas de consumo nasceu com a própria organização de Rochdale, fundada por operários tecelões influenciados pelo socialista Robert Owen e submetidos aos sofrimentos gerados por uma crise capitalista. Em França, a cooperação muito deve a esse outro grande socialista utópico que foi Fourier, o mais acre e satírico dos críticos do capitalismo.

Nenhuma pessoa medianamente instruída acerca das coisas do cooperativismo desconhece a (Continua na 2.ª pág.)

### Liberalismos e Socialismo

Ha pessoas que se julgam revolucionárias e marxistas porque adotam posições radicais e ficam a mastigar formulações de Marx, Engels, Lenine e Trotsky, muitas das vezes sem lhes perceberem o conteúdo, como se as formulas fossem "chiclets". Transformam os livros dos grandes pensadores marxistas em Bíblia.

Os mastigadores de chiclets marxistas, que se formaram na escola do bolchevismo puro através das lições de Lenine e Trotsky, entendem que o esquema da Revolução Russa é a única solução socialista para o mundo. Para eles o que não for ditadura do partido e economia estatizada não passa de contra-revolução marxista. Então os incuráveis repetidores, sem se preocupar com a escolha, vão à estante, apanham um livro, de Lenine e, quando se deparam com uma referência leniniana contra o liberalismo, fazem logo a citação, aplicando os adjectivos de Lenine contra o Liberalismo à VANGUARDA SOCIALISTA.

Esses marxistas decoradores não procuram refletir um pouquinho sobre as coisas. Se o fizessem veriam que o que Lenine combatia eram as tendências de apresentar como socialismo o

que não passava de puro liberalismo capitalista. E VANGUARDA SOCIALISTA sempre teve a preocupação de mostrar que o capitalismo não dá mais nada e que precisa vir o socialismo.

Ora, sempre o liberalismo teve duas acepções, o que é preciso acentuar: uma econômica e outra política. É claro que, hoje, nesta fase em que a estatização da economia está na ordem do dia, em que o capitalismo de Estado é a tendência das forças produtivas dominadas pelo capitalismo, ninguém vai falar mais em liberalismo econômico. Ninguém é tão estúpido, como pensam os mastigadores de chiclets marxistas, em pretender lutar contra o capitalismo de Estado em nome do liberalismo econômico que floresceu nos meados do século passado. O liberalismo no campo econômico foi uma fase que não voltará jamais.

O outro aspecto do liberalismo é o político. Ora, talvez só os próprios mastigadores de "chiclets" é que não desejaram lutar pelas liberdades. Liberalismo hoje tem o significado político. Não de convir os decoradores de formulas que VANGUARDA SOCIALISTA, como o qualquer órgão de opinião socialista, há de se interessar sempre para que

as liberdades políticas não desapareçam, porque sem elas os jornais não poderão circular livremente.

As liberdades, hoje, como sempre, são necessárias para que os trabalhadores possam agrupar-se e lutar pelos seus direitos políticos e por suas reivindicações. Sem elas, terão de sujeitar-se ao que o governo e os patrões quiserem impôr-lhes.

Como ultima palavra, transcrevemos aqui o seguinte trecho de Rosa Luxemburgo, que os repetidores das palavras de Marx, Engels, Lenine e Trotsky classificam de oportunista:

"Mas constituindo a finalidade do socialismo o unico fator decisivo que distingue o movimento social democrata da democracia burguesa e do radicalismo, o unico fator que transforma todo o movimento operário de um vão trabalho de remenda para salvar o regime capitalista, numa luta de classe contra esse próprio regime, pela sua supressão, o dilema "Reforma ou Revolução?", tal como o põe Bernstein equivale para a social-democracia à questão: "ser ou não ser". (os grifos são nossos). Acharmos que isso chega para os apreciadores de "chiclets".

### Nacionalização e Socialismo

Uma das diferenças fundamentais entre o socialismo clássico e o moderno reside principalmente na questão da nacionalização.

Inicialmente, o próprio socialismo relegava essa questão para segundo plano. Primeiro a revolução, depois o resto. No entanto, a própria marcha da evolução do socialismo superou essa posição primitiva. Pouco a pouco, a nacionalização, apesar da oposição de várias tendências no socialismo internacional ganhava predominância e passou a constituir uma das pedras de toque do socialismo.

No fundo, era a consequência direta das palavras dos próprios fundadores do marxismo, especialmente de Engels, que escre-

ve: "O regime Capitalista de produção, ao transformar cada vez mais em proletários a imensa maioria dos indivíduos de cada país, cria o poder que será obrigado a fazer essa revolução se quiser subsistir. E, ao fomentar cada vez mais intensamente a conversão dos grandes meios socializados de produção em propriedade do Estado, já assinala por si mesmo o caminho por onde se operará a transformação. O proletariado toma o poder em suas mãos e principia por converter os meios de produção em propriedade do Estado. Porém, nesse mesmo ato, destrói-se a si próprio como proletariado, destruindo ao mesmo tempo todas as diferenças e todos os antagonismos de classe, e com isso o Estado".

Essa a base sobre a qual se fundamenta a justificativa da nacionalização.

Para Engels, "Quando o Estado se transformar finalmente em representante efetivo de toda a sociedade será, por isso mesmo, superfluo. Quando já não se trate de manter na opressão nenhuma classe social, quando desapareçam, junto à luta pela existência individual, engendrada pela atual anarquia da produção, os choques e os excessos resultantes dessa luta, nada mais haverá que reprimir nem fará falta esse poder especial de repressão: O Estado. O primeiro ato em que o Estado se manifesta como representante efetivo de toda a sociedade: a forma de posse dos meios de produção em nome da sociedade e, ao mesmo tempo, seu último ato independente. A intervenção da

autoridade do Estado nas relações sociais será superflua e irá desaparecendo por si mesma, sucessivamente, de cada um dos diversos campos da vida social. O governo sobre as pessoas é substituído pelo governo sobre as coisas. O Estado não será abolido, irá extinguindo-se".

Engels limitava muito bem a nacionalização das forças produtivas para depois da tomada do poder pelo proletariado.

Mas, apesar dessa delimitação, o socialismo se tornou um dos corifeus da estatização. Começou então a lutar pela nacionalização das grandes empresas, estradas de ferro, bancos, etc. Evidentemente, o intuito era apressar a própria evolução do capitalismo. Depois, seria questão somente de tomar o Estado e a economia estaria estruturalmente preparada para o socialismo.

Fizeram-se vistas grossas sobre a observação do próprio Engels de que as forças produtivas, mesmo de propriedade do Estado, não perdiam o seu caráter de capital e criariam uma contradição insanável com a definição de socialismo do Congresso de 1866 da 1.ª Internacional: sistema harmonico de trabalho livre e cooperativo".

Hoje, é preciso reexaminar todo esse problema. A experiência

da Revolução na Rússia mostrou que a nacionalização deu um tremendo desenvolvimento à burocracia, fortalecendo ao mesmo tempo seu poder econômico, a ponto de a transformar em dona do Estado. A nacionalização não construiu na Rússia o socialismo, mas o seu contrário: o capitalismo de Estado.

O próprio Trotsky, numa de suas obras, partindo do ponto de vista da nacionalização, chegava à conclusão da inevitabilidade da burocracia. Toda a questão para ele, no fundo, se resumia em controlar politicamente a burocracia, deixando-lhe no entanto todos os fundamentos econômicos.

Evidentemente, a nacionalização, aumentando imensamente as tarefas administrativas econômicas do Estado, forçosamente exige uma gigantesca burocracia, parasitária, que devore grande parte da mais-valia operária. As organizações de massa, sindicatos, etc., ficam verdadeiramente sem forças para enfrentar a predominância da burocracia, fundamentada na própria economia estatizada. A dominação econômica se transforma rapidamente em dominação política, como aconteceu na Rússia, pela interpretação dos

(Continua na 2.ª pág.)

### A CONFERENCIA INTER-AMERICANA

"Quitandinha", construída com empréstimos dos institutos por Ordem do ditador, para que os apaniguados de Getulio Vargas pudessem jogar à vontade e praticar todas as fantasias que lhes viessem à cabeça, é o local da conferência inter-americana para tratar da "manutenção da paz" no continente. A agenda da reunião já foi previamente preparada e aprovada. Todos os delegados vão tratar de precisar as questões jurídicas contidas na "Ata" de Chapultepec. Não haverá discussões sobre problemas econômicos ou militares.

A conferência será apenas mais uma demonstração do domínio dos Estados Unidos no Continente. As propostas argentinas, segundo as quais as propostas só poderiam ser aprovadas por-

unanimidade, o que significa o direito de veto, vai ser recusada. Os Estados Unidos não estão para brincadelas com as repúblicas americanas. Podem os norte-americanos aceitar o direito de veto da Rússia, mesmo a contra gosto, pois se trata de grande potência rival. Os conflitos entre os dois tubarões serão resolvidos em outras arenas. Os congressos e conferências em que os dois tomam parte não passam de meio de cada um desses imperialistas realizar escaramuzas diplomáticas e medir suas forças na campo das alianças.

Mas, com as repúblicas americanas, a coisa é diferente. Apesar da basofia de Peron, a Argentina não tem peso específico, não tem forças nem meios para (Continua na 2.ª pág.)

# AS COOPERATIVAS... CARACTERISTICAS DO IMPERIALISMO RUSSO...

(Continuação da 1.ª página.)

importância considerável que desempenharam nesse tocante os socialistas Owen, Fourier, Buchez (um discípulo de Saint-Simon), todos eles decididos partidários da substituição do capitalismo por um sistema harmônico de trabalho livre.

Esse caráter anti-capitalista só é atenuado, como bem diz Karl Renner, onde as cooperativas são dirigidas por partidários do movimento das classes médias. Esses, mesmo quando desejam reformas sociais, nem sempre querem a substituição do sistema capitalista. Desejam acima de tudo a colaboração, a harmonização das classes sociais e querem, por isso mesmo, tornar a cooperativa de consumo o ponto de convergência, o ponto do comum acordo de todas as classes sociais, não verificando que não são iguais as possibilidades dos consumidores, que também se dividem em classes.

Tentando atenuar o caráter anti-capitalista das cooperativas de consumo, são levados por isso mesmo a limitar a cooperativa a objetivos imediatos e práticos de organização destinada a lutar contra a carestia da vida, e nada mais.

O problema complica-se ainda mais quando tais líderes pequeno-burgueses, cedendo à pressão da opinião de sua própria classe e à dos burgueses, temem ser tomados por socialistas, levantando o cooperativismo em oposição ao socialismo.

Pelas suas origens, pelos seus ideólogos e precursores, pelos fundadores da cooperação moderna e pela própria estrutura, essa oposição existe apenas na cabeça de alguns líderes que levam o seu ardor reformista a advogar até que as empregadas domésticas sejam pacientes com as patroas.

Já publicamos aqui no número passado o extrato da revolução do Congresso de 1866 da Associação Internacional dos Trabalhadores, acentuando a necessidade da conquista do poder pelo proletariado (não por um partido). Essa necessidade teve sua comprovação de modo negativo na Alemanha e Itália, nas quais o fascismo destruiu os poderosos movimentos cooperativos existentes. Na Inglaterra, se os trabalhadores fossem esmagados, as cooperativas seguirão o mesmo destino.

Em todas as épocas de sua história, o capitalismo nunca suportou as cooperativas, especialmente as de consumo. E a pressão capitalista que obriga os congressos a limitar em quadros estreitos as cooperativas. Temem os capitalistas precisamente o caráter anti-capitalista das cooperativas de consumo.

A doutrina cooperativista não é a mesma desde Rochdale. Escreve Mladenatz, na "História das doutrinas cooperativas", o seguinte: "Em todas as partes (com exceção da Rússia soviética e também nos Estados fascistas, nações nas quais o movimento, perdida a sua autonomia, foi posto, por força maior, a serviço do regime dominante e enquadrado no sistema econômico respectivo), o movimento cooperativo está dividido segundo as classes sociais, as concepções políticas, as categorias econômicas, a nacionalidade ou as crenças religiosas, as diferentes concepções de interpretação do sistema cooperativo, etc." Os próprios princípios de Rochdale já sofreram modificações e não raro sofrem novas emendas.

Pessoas religiosas às vezes costumam proclamar o célebre dr. William King, um dos grandes precursores do cooperativismo, como o verdadeiro "pai da cooperação inglesa" (glória que hoje é reconhecida a Robert Owen, o comunista utópico), porque a concepção cooperativa de

King é profundamente cristã, no que se diferencia da de Owen. Tal fato não teria nenhuma importância se não fosse o desejo dessas mesmas pessoas religiosas de apagar o caráter anti-capitalista das cooperativas de consumo, com a tola pretensão de reformar a sociedade sem mexer no sistema capitalista.

Ora, sem mexer no capitalismo, sem abolir o salariato, não é possível nenhuma reforma social de estrutura. O cooperativismo pode ser a forma de que se revista a economia futura, mas é preciso que, desde já, os cooperados sejam educados socialisticamente anti-capitalisticamente. Não será atenuando o caráter anti-capitalista das cooperativas que se conseguirá substituir o capitalismo por um regime harmônico e amplo de trabalho livre e cooperativo.

## O PETROLEO BRASILEIRO...

(Continuação da 1.ª página.)

excede de 8:1; isto em média, porque isoladamente um poço mexicano houve que chegou a produzir tanto petróleo diariamente quanto quinhentos! Apesar, porém, de haverem os trusts internacionais explorado as jazidas mexicanas no período que medeia entre os anos de 1901 e 1938, ainda hoje o México é um país atrasadíssimo, sob muitos aspectos mui semelhante ao nosso. Recente observador das cousas daquele país assim se manifestou sobre a situação do país: "A noite, nas ruas sem iluminação, podemos tropeçar em crianças encostadas às paredes, com um pedaço de jornal a protegê-las do vento. Adiante, penetramos numa zona de meretrício. Nos subúrbios de cidades de tamanho médio, encontramos mexicanos vivendo em minúsculas cabanas de adobe, de piso imundo, com porcos fuçando". Isso quanto às condições de vida de sua população laboriosa, porque com os resultados advindos da exploração de maior riqueza da nação, dos donos do México puderam "comprar para si camisas de seda". Apesar da produção de óleo do México haver sido no ano de 1921 de cerca de 194.000.000 de barris, não obstante o lucro líquido de uma só companhia ter atingido a casa dos cento e sessenta milhões de pesos (o capital dessa companhia, a Mexicana Eagle, era de 30 milhões de pesos), no país de "contrastes e revoluções", "as estradas estão por construir, os portos à espera de drenagem e melhoramentos, as estradas de ferro à espera de reconstrução e de novo equipamento, a irrigação ainda por fazer"; de todos os recantos do país ainda vem o mesmo grito: "escolas, terra, água".

Esse o grande exemplo do que pode suceder aos povos que entregam a exploração de seus recursos naturais ao capital estrangeiro, exemplo que o Brasil deve ter sempre presente nessa hora crucial de sua história econômica. Não é possível responder o nosso país com um não ao convite norte-americano para explorar, conosco, as fontes mineralógicas da nação, mas deve haver toda cautela afim de que não se repita aqui aquilo que se deu especialmente no México e na Venezuela.

Tudo induz a pensar que os Estados Unidos, desejosos de despertarem as simpatias do povo brasileiro para sua luta pelo domínio do mundo, aceitação entrar numa composição com capitais brasileiros para a formação de uma companhia mista; eles fornecerão a maquinaria e os técnicos, etc., e o Bra-

(Continuação da 4.ª pág.)

militarista no decorrer da última guerra. Com afeito, com a pessoa do ditador, nomeado generalíssimo — acumula hoje em suas mãos, além da Secretaria do P. C. e a presidência do Conselho, os Comissariados Unidos de Guerra, Marinha e Aeronáutica — o exército constitui a força central do país. Se Stalin compartilha do poder com alguém, é realmente com os quaranta marechais que têm em seu haver a vitória na guerra e que, além de deterem as distinções e honrarias, como os marechais de Napoleão, ocupam posições chave dentro e fora da URSS. Inclusive a terrível GPU passou das mãos de um civil para as de um militar, uma creatura do zo-

vo exército. E isto porque o papel imperialista que a Rússia está assumindo somente pode desenvolver-se e manter-se mediante um poderoso exército — o russo chegou a ter, segundo parece, entre 15 e 18 milhões de homens — sobretudo carecendo como carece de poderosos meios técnico-industriais e financeiros, que constituem as verdadeiras alavancas imperialistas modernas. Como o indicamos em outra parte, o novo plano quinquenal russo é quase integralmente militarista. Tão militarista como o foi o primeiro plano quadrienal hitlerista, quando da tomada do poder pelos nazistas. O povo russo continuará vivendo em meio à maior miséria e permanecerá ainda um pouco mais escravizado; porém os marechais terão um dos exércitos mais poderosos do mundo. O sacrifício da manteiga aos canhões — e o povo russo não soube nunca muito bem o que fosse manteiga — entra em uma nova fase. Toda a propaganda totalitária russa é orientada, ao mesmo tempo, com fins militaristas. O povo russo deve ter a sensação de que nunca se viu tão ameaçado como agora, depois de haver sacrificado vários milhões de seus filhos para a derrota da Alemanha nazista.

Seu caráter totalitário lhe é dado pela existência constitucional e efetiva de um partido único, submetido ao secretariado geral, primeiro ministro e generalíssimo a um tempo. Com efeito, o artigo 126 da Constituição staliniana — esta que chegou a suscitar não poucas esperanças democráticas em certos meios estrangeiros — não permite existência legal de outro partido e, na realidade, qualquer oposição, dentro ou fora do partido único,

PIRAJA

## Nacionalização e Socialismo

(Continuação da 1.ª pág.)

quadros democráticos do Estado e do partido único. No fim, o resultado é o que se vê na Rússia. O Governo sobre as pessoas aumenta paralelamente ao governo sobre as coisas. O Estado, ao invés de extinguir-se, como queria Engels, torna-se cada vez mais forte, porque as suas funções políticas e administrativas crescem cada vez mais, devido à própria estatização da economia, que se torna um usufruto da burocracia. Esta precisa desse poder especial de repressão, o Estado, para manter seus privilégios.

Colocando a nacionalização como ponto de partida, abstraem os defensores da estatização que os operários do Estado não recebem os mesmos salários dos das empresas privadas; não têm direito a sindicalização, não podem fazer legalmente greve, mesmo porque o Estado pode resistir indefinidamente à greve, pois não necessita, como a empresa privada, de estar sempre no mercado, porque não corre o risco de falência. Mesmo nos países de movimento sindical mais forte e de legislação sobre o trabalho mais desenvolvida, a situação dos trabalhadores das empresas estatais é inferior à das empresas privadas, não-estatais.

Fortalece a nacionalização o poder do Estado. Não enfraquece, nem contribui para o desaparecimento do Estado político. O governo sobre as pessoas nunca é substituído pelo governo sobre as coisas. Assim, o demonstra a experiência nossa e a experiência da nacionalização em todos os países do mundo.

A luta pela nacionalização, em regime capitalista, afasta a perspectiva de socialismo para as camadas gregas. Não permite a nacionalização a educação das massas trabalhadoras no campo da economia, não as torna aptas a intervirem no processo econômico, não as prepara para a direção e planificação da produção. Estas, por incapacidade dos proletários, continuarão nas mãos dos técnicos e dos burocratas, os quais acabam se unindo para explorar os próprios trabalhadores.

A tarefa dos socialistas é educar o proletariado para que possa fazer a transformação do capitalismo em socialismo. Pela nacionalização, nunca esse objetivo será alcançado. O Estado, por seu próprio papel, recusa dividir a gestão de suas empresas com trabalhadores ou então transforma o co-gestão em caricatura. Os lucros das empresas estatais não podem ser partilhados, porque o Estado se opõe com todas as suas armas políticas e materiais (policia, justiça, etc.) à divisão dos lu-

ros. A empresa estatal visa, no fundo, sempre objetivos militares e não se regula pelas necessidades sociais e sim pelas governamentais. A defesa do monopólio de exploração por parte do Estado das massas trabalhadoras é a única moia real que move o governo nas suas atividades econômicas.

Como conciliar os objetivos finais do socialismo de estabelecimento de um "regime harmônico de trabalho livre e cooperativo", como será possível colocar as forças produtivas nas "mãos dos trabalhadores livremente associados?" (Engels). A nacionalização, vimos na Rússia e nos demais países, acarretou o aparecimento do capitalismo de Estado, do trabalho-escravo; nos países capitalistas, só tem servido para agravar as condições de exploração e opressão, que esmagam os trabalhadores.

A história não inventa problemas. Sempre que eles surgem, surge também a forma de sua solução. Evidentemente, a cooperativa de produção e a federação de cooperativas de produção é a solução genérica do problema. Desaparece nelas o caráter de capital das forças produtivas. Estas socializadas, são socialmente dirigidas, e seus benefícios são socialmente e igualmente distribuídos. Nelas os produtores livremente associados decidem democraticamente os problemas da produção e da administração e aprendem os segredos da economia. Em seu conjunto, nada mais são do que um "regime de trabalho livre e cooperativo".

Mas, em geral, a nacionalização é exigida para as estradas de ferro, bancos, empresas de navegação, indústrias fundamentais, minas, usinas elétricas. Esses ramos fundamentais estariam excluídos da cooperação, dado seu caráter. Os trabalhadores, explorando cooperativamente tais ramos, poderiam submeter toda a sociedade a seus interesses próprios, corporativos, profissionais. Mas, já a própria economia capitalista criou um dado tipo de organização no qual tais perigos desaparecem. Referimo-nos às corporações de direito público, nas quais a questão é unicamente quebrar a sua superestrutura capitalista e substituí-la pela socialista. Tais corporações são conhecidas no Brasil com o nome de autarquias, como a Central do Brasil, Loide Brasileiro. No Brasil, foram feitas com espírito burocrático, não tendo verdadeira autonomia administrativa e financeira.

Os ramos fundamentais da economia não precisam ser nacionalizados. Sem que sejam divididos em milhares de pequenas empresas, o que seria impossível para as estradas de ferro, po-

está irremediavelmente condenada a morrer. Este partido está hoje, de fato, militarizado e autocrático. O caráter original e diferente de semelhante estado totalitário reside no fato de que não restabeleceu a propriedade privada, como tampouco a produção livre nem a liberdade de comércio. Os trotskistas fazem valer com frequência este fato para justificar, ainda hoje, uma de suas palavras de ordem favoritas e, pelo visto, permanentes: a defesa da URSS. É certo que, no aspecto econômico, o regime atual mantém as bases criadas pela revolução bolchevique. Não é menos certo que, além de existir hoje na URSS as mais escandalosas diferenciações sob o ponto de vista dos salários e da distribuição da mais-valia, tudo isto fortalece ainda mais o Estado Totalitário. Com efeito, os indivíduos submetidos a ele — e todos os estão — não gozam da menor liberdade econômica e política. O Estado é senhor único, ao mesmo tempo, de todos os meios de produção e de troca, e dos próprios indivíduos, como produtores e como entes políticos e sociais. É, em suma, o Estado totalitário por excelência, o mais totalitário conhecido até agora. O fato de que provenha de uma revolução popular não lhe diminui em nada semelhante caráter. E o fato, por outra parte, de que prossiga tendo uma irradiação internacional, através dos partidos comunistas e da influência destes no seio do movimento operário internacional, em nada diminui também seu caráter nacionalista e imperialista. Estes partidos não gozam de nenhuma independência real, não se movem conforme os interesses dos respectivos povos ou do movimento proletário internacional, mas estão sujeitos a disciplina imposta por Moscou e atuam conforme os interesses exclusivamente russo. Suas mudanças de linha em cada país e a cada circunstância não respondem às necessidades do próprio país e do momento, mas às necessidades da URSS com relação aos diferentes países. Esta é a razão fundamental da aparente dissolução da Internacional Comunista e da mudança de nome de alguns partidos comunistas: permitir-lhes uma maior flexibilidade na adoção da política que convem em cada país e sustentar a enganosa crença de que atuam independentemente do governo russo. Porém a realidade é muito outra. Hoje não resta a esses partidos nem tão somente a já minguada liberdade de mandar seus delegados a Moscou a fim de receber as ordens, por motivo da celebração de um comício internacional; essas ordens são transmitidas por meio de delegados permanentes ou eventuais, pertencentes geralmente à GPU, e no próprio país a disciplina se fez, na realidade, ainda mais estrita. E isto se com-

preende perfeitamente, pois, nunca como agora, necessitou Moscou de uma quinta coluna disciplinada em cada país. Em um país aliado da URSS ou submetido a sua influência política ou a seu total domínio — os comunistas são os paladinos do patriotismo, da consolidação econômica e contra toda agitação política e toda greve, da união sagrada por cima das classes, da defesa nacional, do engrandecimento e do prestígio do exército, do desenvolvimento da polícia; se esse país rompe aliança com a URSS ou se converte em seu rival, em essência ou potência, os comunistas tratam de socavar suas bases, de debilitá-lo o mais possível e por todo os meios a seu alcance. Adotam com relação aos povos a mesma tática cerrada que adotam para com os partidos políticos: os que não podem influenciar ou dominar, tratam de destruir. Para os comunistas do mundo inteiro, a URSS é a única e verdadeira pátria. Ter outra constitui uma traição ao comunismo e à URSS. São, em suma, uma prolongação internacional do nacionalismo russo, seus fiéis instrumentos nacionalistas.

(continua)

(1) — Do livro "Europa ante el socialismo o ante la muerte." — Ediciones Mundo, México, D.F. 1946

## Vanguarda SOCIALISTA

Semanário marxista de interpretação e doutrina

ANO II — 15 de Agosto de 1947 — N.º 103 —

Diretor: MARIO PEDROSA. Secretário: HYLCAIR LEITE.

Redação e Administração: RUA MEXICO, 98 - 7.º, s. 703

Rio de Janeiro

Assinatura anual .... Cr\$ 30,00

Numero avulso ..... Cr\$ 0,50

Nos Estados ..... Cr\$ 0,60

Numero atrasado .... Cr\$ 1,00

Os cheques ou vales postais devem ser emitidos em nome de Hylcair Leite.

SUCURSAL EM SÃO PAULO R. do Carmo, 72 sob., tel. 3-9242 Direção: João da Costa Pimenta

Assina! "VANGUARDA SOCIALISTA"

O jornal do proletariado

## "Memento Mori"

(Continuação da 4.ª pág.)

ordeiro e disciplinado, este ve alheio aos lamentáveis acontecimentos", e que "agitadores desclassificados se puseram a serviço de uma causa ingrata" (dezenas de milhares? Pobre São Paulo!) O mais interessante, nas declarações do Secretário da Segurança, é que esse movimento estaria ligado à atividade desenvolvida por figuras de projeção no cenário político de São Paulo. Prometeu divulgar os nomes das "figuras" e castigar os responsáveis.

O digno secretário abaixa-se

dem ser administrados sem ser nacionalizados ou estatizados.

Esses ramos podem ser administrados socialmente. Seus órgãos diretivos seriam compostos de representantes do Estado, dos trabalhadores, das regiões servidas pelas estradas de ferro, dos outros ramos da economia que precisam dos trabalhos dessas empresas fundamentais. Estariam assim a serviço de toda a sociedade, com a defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores protegidos.

O estudo de formas de exploração econômica, autônomas do Estado, já existentes hoje em vários países, está na ordem do dia. Elas tornam dispensável a nacionalização e evitam os riscos da centralização estatal. Representam a substituição do Estado em numerosas tarefas. É a extinção do papel do Estado em dados setores da economia.

ainda mais, convidando o povo a denunciar os responsáveis e procurando assim criar o sistema infame da delação e espionagem, como havia na Alemanha hitlerista e há atualmente na Rússia stalinista.

Procurando intervir nos acontecimentos, a Assembléia Legislativa do Estado realizou uma sessão especial, elegendo uma comissão que tinha por incumbência entender-se com o Governador. Mas tudo foi em vão. O valente Governador conseguiu refugiar-se em lugar seguro, mostrando bem pouca vontade de ser convidado a voltar imediatamente à cidade revoltada.

A imprensa local divulgou amplo noticiário, fazendo alguns comentários, entre os quais destacamos os do Sr. Assis Chateaubriand. O eminente jornalista declara categoricamente que o deplorável movimento na cidade é, nada mais nada menos, o "show" vermelho, brilhantemente executado em combinação com... a polícia.

Forçoso é, portanto, reconhecer que, de acordo com a alta classificação oficial e não oficial, a população de S. Paulo é composta de "maus elementos", "agitadores" e "comunistas".

Parece-nos, no entanto, que os últimos acontecimentos devem ser encarados pelos "bons elementos" como o implacável memento mori, cujas consequências, em caso de repetição, não nos é dado prever.

MILITANTE IGNOTO

## A CONFERENCIA...

(Continuação da 1.ª página.)

construir um centro de atração anti-norte-americana, a não ser se se sujeitar a cair sob o controle diplomático soviético. Os representantes de Peron trataram de fazer "farol" à bessa, para uso interno nos países ibero-americanos, afim de conquistar o direito de ser o subordinado de mais importância.

Participarão da conferência todas as republicas menos a Nicarágua, governo não foi reconhecido ainda pelos demais países. Morinigo, que está com as calças nas mãos, com os rebeldes batendo nos seus calcanhares, estará presente, por meio de

seus delegados, à Quitandinha. O carrasco de Assunção, o ditador sanguinário do Paraguai, assinará mais algumas declarações de fidelidade à democracia.

A proposta Larreta, do Uruguai, no sentido de serem consideradas como agressão as violações das liberdades dos cidadãos, não será nem objeto de cogitação. O que importa é que todos se mantenham fiéis aos compromissos com os Estados Unidos no campo internacional, podendo agir como entendam no campo interno.

A Conferência de Quitandinha servirá apenas para mostrar que a América nada mais é do que um quintal dos Estados Unidos.

# FUNCIONAMENTO DOS CAMPOS

Além desses e de alguns outros grandes grupos numerosos campos de menores dimensões estão localizados perto das grandes cidades, afim de que os prisioneiros exerçam emprégos habituais. Esses campos são transportados de uma cidade para outra, ou de uma região para outra, quando quer que seja necessário, e são mais importantes nos lugares onde há unidades industriais a construir. A tarefa dos prisioneiros consiste principalmente em trabalho não especializado ou semi-especializado, tais como cavar, nivelar o terreno, construir as paredes exteriores das fábricas, construir linhas ferroviárias e estradas de rodagem. Muitos dos novos estabelecimentos industriais do Urais, como o Magnitogorsk, têm sido construídos desta maneira. Até mesmo a expansão das unidades industriais existentes e a construção de edifícios adicionais são muitas vezes confiadas a destacamentos de prisioneiros dos campos transferidos.

A vida no interior de um grande campo de trabalho é dirigida por três instituições: a administração geral do campo, a ISO e a KVCH.

A administração consiste num vasto corpo, sem dúvida sob a direção da GULAG central. Emprega também um número considerável de prisioneiros, principalmente intelectuais, como engenheiros, organizadores e guarda-livros. Há também guardas armados, sob a direção de um oficial da MVD; a guarda recruta auxiliares entre os prisioneiros, particularmente entre os criminosos — os prisioneiros políticos nunca são elevados ao emprégo de guardas. Os hospitais subordinados à administração, são insuficientes em número e capacidade.

É provavelmente correto avaliar que nas vésperas da guerra o número de prisioneiros era de 8.000.000 a 10.000.000. No fim da guerra diminuiu consideravelmente, depois que aumentou o número de mortes, em consequência da fome, e em seguida, a mobilização diminuiu ainda a população dos campos. Por volta de 1944-45 a população dos campos de prisioneiros deve ter caído a menos de 6.000.000.

Depois de terminada a guerra a população dos campos tem aumentado. É que a realização do próximo plano quinquenal exige esse suprimento de mão de obra.

A principal fonte dessa nova onda de prisioneiros é constituída pela grande depuração feita na população soviética dos territórios ocupados pelos alemães durante a guerra. Todas as pessoas culpadas ou suspeitas de qualquer espécie de colaboração com o inimigo foram detidas. Eram julgadas pela NKVD e apenas um pequeno número foi executado, tendo sido a maioria deportada para os campos de trabalho. A pena máxima para a traição é de 25 anos de internamento num campo de trabalho "corretivo".

Em segundo lugar, como fonte de suprimento de força de trabalho escravo, vem a população das cinco "repúblicas nacionais" liquidadas (Alemães do Volga, Csechens-Inghus, Kalmyks, Tartaros da Crimeia e Karachayevians). Verificou-se que o povo dessas áreas fôra "desleal" para com a União Soviética. As deportações realizadas nas últimas fases da guerra foram depois sancionadas por uma lei adotada pelo Supremo soviético a 25 de junho de 1946.

A terceira fonte de suprimento de trabalho escravo é constituída de prisioneiros de guerra vindos da Alemanha. Pouco a gente sabe, no exterior, que um prisioneiro soviético de guerra é considerado um criminoso, pelo simples fato de ter caído nas mãos do inimigo. Desde que vários dos prisioneiros foram recrutados pelas forças armadas alemãs, em batalhões de trabalho e formações militares, cada prisioneiro que volta à Rússia é detido e a menos que mostre de que maneira se rendeu e foi feito prisioneiro, em vez de morrer lutando, é sentenciado a um período de trabalho forçado. Esse fato, no qual não se podia acreditar a princípio, foi agora confirmado por inúmeras notícias da Rússia, e também por pessoas que conseguiram fugir para a Alemanha ou França. O número total de prisioneiros de guerra russos, dado pelos alemães é de cerca de 5.000.000. Não se sabe quantos desses prisioneiros sobreviveram e voltaram à Rússia.

Juntamente com os prisionei-

ros de guerra, os homens e mulheres das áreas ocupadas sujeitos ao trabalho forçado pelos alemães, estão sendo submetidos ao mesmo processo de reclusão e muitos são deportados.

Acresce que a MVD prossegue ainda na busca de cidadãos soviéticos na Europa Ocidental. Na França, mantém um campo especial, para esse fim, com o consentimento das autoridades francesas. Na Alemanha a UNRRA permitiu que a MVD administrasse alguns campos especialmente designados para os cidadãos soviéticos que deviam ser repatriados. Oficialmente, o repatriamento compulsório foi abolido, mas de fato, os funcionários da UNRRA na Alemanha serviram à MVD de maneira escandalosa.

Nos últimos anos os estrangeiros tem aumentado a população dos campos de trabalho soviéticos. Primeiro os poloneses, depois os cidadãos dos Estados

do Báltico; em seguida começaram a chegar em quantidade os prisioneiros alemães de guerra. Desde que terminou a guerra, os alemães, italianos, japoneses e outros ex-suditas do Eixo têm constituído uma massa de trabalhadores que atinge milhões. Todos os campos, tanto os antigos "campos de trabalho corretivo", como os novos campos de prisioneiros de guerra, fazem parte do mesmo sistema dirigido pela MVD.

O trabalho forçado tornou-se pois um elemento essencial na economia soviética. Essa espécie de trabalho barato e submisso é um requisito para a realização dos ambiciosos planos de industrialização, expansão industrial e preparo militar. Os escravos soviéticos formam pois a classe mais baixa da sociedade soviética, o alicerce sobre o qual repousa toda a sua estrutura. (Do Suprimento do "New Leader").

## Coluna de cinema

### A PROPÓSITO DE "IVAN O TERRIVEL" A história se repete... e se deturpa

Do ponto de vista político, a nova versão russa da vida do Czar Ivan vale por um atestado eloquentíssimo, especialmente para os que ainda estão lembrados da primeira, do "Ivan o Terrível" dos anos revolucionários da década de 20. Esta, que foi distribuída aqui pela UFA no tempo em que a União Soviética se achava cortada de quase todo o resto do mundo, era também um filme de propaganda política. Apontava o tirano à execração do povo, empenhada na grande tarefa de estimular o espírito de sã aversão ao despotismo. Ainda nos lembramos, depois de tantos anos, do realismo das cenas revoltantes em que o terrível monarca passava de trenó pelas ruas geladas de Moscou. Cercado de sua guarda, vinha como uma tempestade, e todos tinham de se recolher correndo às casas e depressa fechar portas e janelas, pois o infeliz retardatário que ficasse do lado de fora ou o incauto que fosse espiar por trás de um batente entrebato a ruidosa comitiva levava logo uma bala certa dos capangas, pagando com a vida a ousadia de afrontar a face do senhor.

Mas a história se repete, e a Rússia, depois de um sonho passageiro de libertação do absolutismo, volta a ter um déspota tão sanguinário quanto Ivan. É preciso glorificar a tirania, mostrar ao homem do povo que ele, individualmente, nada vale, e só tem razão de ser na medida em que sua existência possa servir à causa da grandeza de sua pátria. E o ser privilegiado a quem os fatos escolhem para condutor dos outros tem de ser endeuado. O paralelo entre o homem que procurou, a ferro e a fogo, realizar o sonho de unificar sob sua dominação as nacionalidades que hoje formam a Rússia (quem começou a blasfêmia de falar em liberdade de os povos disporem de si mesmos?) e este outro que hoje sonha com a unificação da Europa e da Ásia, e quem sabe, do mundo, sob a sua hegemonia, esse paralelo surge naturalmente ao espírito, e assim também, naturalmente, decorre da glória de Ivan a do terrível Joseph de hoje. Sua guarda de assassinos tem de aparecer aos olhos do público como um punhado de heróis e o homem saído do povo que simboliza o "filho do Kremlin", modesto precursor da NKVD, é o mais legítimo herói, que, pela sua dedicação e pelos serviços prestados ao chefe genial e por conseguinte à pátria, merece a eterna gratidão de todos. Ele, e o outro tipo do homem que vai chamar o filho para contemplar em êxtase a face augusta e única do Czar de todas as Rússias, e que depois dá esse mesmo filho, tudo que ele possuía no mundo, para servir ao Czar. Diga-se de passagem que a diferença das roupagens com que se apresentam esses cidadãos no começo e no fim do filme mostra bem que eles tiveram a devida recompensa.

Em todas as questões, o herói nacional tem de se apresentar sob a melhor luz possível. O envenenamento da czarina, por exemplo, que agora aparece como obra de um traidor bolardo, na versão da era revolucionária era praticado pelo próprio Ivan, que a pegara em flagrante delito de infidelidade conjugal (romance esse reduzido ao mais

puro platonismo na nova versão) e resolvera castigá-la, comunicando depois à corte que "Deus, na sua infinita misericórdia", chamará a si a alma de sua augusta e virtuosa esposa. Mas a história, como tudo mais na Rússia, foi feita para servir aos propósitos dos governantes.

Sob o ponto de vista artístico, a execução do filme tinha de ser condicionada aos seus objetivos políticos, o que não poderia deixar de importar em prejuízo. Sobressai em primeiro lugar a simplificação quase primária de todas as cenas. Nada podia ser sugerido ou estar implícito. Tudo tinha de ser absolutamente evidente, de modo a ser compreensível mesmo para o camponês analfabeto dos Urais. A pompa dos cenários também tinha de ser de molde a impressionar as almas simples. A tais finalidades, a técnica realista e direta dos primeiros filmes soviéticos evidentemente não se prestava, e andou bem Eisenstein abandonando os processos utilizados no "Couraçado Potemkin" para entregar-se à fantasia e ao simbolismo. Nos numerosos cenários irreais, nas cenas da corte que por vezes parecem um ballado oriental, no jogo de cena convencional dos atores, na batalha de Kazan com seus canhões de papelão, nas caracterizações cujas intenções simbólicas são inconfundíveis, como o olho do espírito ou as vestimentas de abutre do traidor, encontrou Eisenstein o material mais adequado para a execução de sua tarefa mistificadora.

Não há negar que a mise-en-scène fantástica ou irreal pode dar grandes obras de arte. Bastaria citar o "Dr. Caligari" que é como um marco na história do cinema, para não falar em obras encantadoras embora menos importantes, como o "Romeu e Julieta" com Norma Shearer e Leslie Howard. São esses, porém, exemplos típicos de criações de arte pela arte. A produção interessada, que defende uma tese, não se coaduna com esse gênero. O que vale dizer que não há gênero que concilie a realização artística com o objetivo de glorificar a tirania, pois o gênero realista e direto, como já apontamos, também não era possível no caso.

Eisenstein, porém, não fez nem quis fazer nada de parecido com o fantástico intencional de "Dr. Caligari" ou com a beleza sideral do "Romeu e Julieta". Fez algo de diferente, que seria novo se não fosse uma transposição de Wagner para o cinema. Seu "Ivan o Terrível" não é teatro no sentido de "Comédie Française", mas ainda assim é palco, e só falta que seus atores, em vez de declamar como fazem, cantem, para ser inteira e absolutamente uma ópera. Mas o canto seria indispensável para que fosse realmente uma ópera, e o fato de que a única cena cantada — o oratório do casamento — é o que o filme tem de melhor, mostra como faz falta. Tal como está a película, a bela música de Prokofief oassa para o segundo plano, e não basta para justificar a produção. E quer-se adaptar esse gênero ao cinema, e a serviço de causa tão ingrata, é coisa que além de pecar por falta de originalidade, não podia ser bem sucedida. Eisenstein tem, é inegável, um

Por todos os meios possíveis a idéia de ditadura, personificada em Maurice Thorez, está agora sendo implantada no espírito dos franceses. Ultimamente, a audácia dos totalitários chegou a tal ponto que eles decidiram transformar a demonstração de 1.º de maio num plebiscito para Thorez. Três dias antes, data natalícia de Thorez, Humanité adornou, pela milésima vez as suas páginas com o retrato de Maurice Thorez e saudou-o como "grande estadista" reconhecido agora como líder até mesmo pelos maiores cientistas (alusão evidente a Joliot Curie e talvez também a J. B. S. Haldane, ambos comunistas).

O Comitê Central do Partido Comunista encenou uma celebração em homenagem a Thorez Ducloux, Mommousseau e outros informaram o público de que ele é líder do partido "desde há um quarto de século (!)", que tem demonstrado uma "inteligência aguda, um coração generoso, esclarecimento político, grande coragem, caráter excepcional e fina compreensão da psicologia dos operários". Possui assim, como Staline, as qualidades de um verdadeiro líder popular. No dia 1.º de maio Thorez apareceu num cenário preparado, sob um estandarte no qual se lia: "Sois o chefe"; Humanité noticiou que na Praça da Concórdia, onde a guilhotina decapitou Luís XVI e Maria Antonieta, Thorez, cuja "voz poderosa o povo francês conhece tão bem", pronunciara um discurso insistindo em que é preciso "caminhar para o progresso, para a liberdade e para o comunismo". Os outros oradores comunistas eram Henaff e Franchon, porém ambos pareciam pigmeus, ao lado do grande chefe.

O único orador socialista que falou nessa celebração foi Daniel Meyer. A multidão interrompia o seu discurso, gritando por "unidade!" O que entendem por unidade, é o que se pode depreender do fato de que na Praça da Bastilha os comunistas assaltaram os membros da Juventude Socialista, que vendiam o seu jornal Drapeau Rouge, fizeram em pedaços todos os exemplares do jornal e espancaram tanto os rapazes que alguns deles tiveram de ser levados para o hospital. Evidentemente, ansioso por não infringir a "unidade", o Populaire noticiou esses choques com algumas palavras discretas. O tratamento dispensado à Juventude Socialista é tanto mais de admirar porquanto o último congresso da Juventude havia manifestado rebeldia contra a política partidária, bem como uma tendência esquerdista e o desejo de romper com a Juventude Socialista Internacional, alegando estar esta última contaminada por um vil espírito anglo-saxão.

No dia 1.º de maio os organizadores comunistas realizaram trabalho magnífico com essa encenação de Thorez diante de centenas de milhares de pessoas. No decorrer da parada, ele foi aclamado por partidários frenéticos. Humanité descreve o acontecimento, com cores brilhantes:

"O povo parisiense expressou em aclamações comoventes e intermináveis, o seu amor por Maurice Thorez e a confiança que nele deposita. Das densas fileiras de espectadores podiam aclamações incessantes ao Secretário Geral do Partido. Paris manifestou com gestos encantadores o amor que lhe dedica. As mulheres erguiam para ele os seus filhinhos, que apresentavam ao chefe braçadas de lírios. O po-

# Um candidato a ditador: MAURICE THOREZ

vo parecia movido por uma união, e a aclamação era unânime. Quando Thorez atingiu a praça da Concórdia desencadeou-se uma verdadeira tempestade de aplausos: o povo saudava o seu corajoso e prudente líder".

Na tarde de 1.º de maio continuou pois a celebração do aniversário de Thorez. Centenas de pessoas se reuniram no famoso Palácio Talleyrand, posto à disposição de Thorez, na qualidade de vice primeiro ministro. No salão onde Talleyrand recebeu outrora o Czar Alexandre I. ressoavam agora os discursos sobre "o líder do povo e grande estadista".

Hoje em dia é bem conhecida a técnica de tocar fanfarras aos ditadores. Na aplicação dessa técnica Thorez, como Tito, é mestre consumado. Na praça da Concórdia, realizou-se um espetáculo muito semelhante aos que se realizam na Praça Vermelha de Moscou. Lança-se uma publicidade imensa para martelar na cabeça do povo a idéia de que a sorte da França está nas mãos de Thorez. E quanto mais ruidosamente os comunistas denunciam "o infame domínio pessoal de De Gaulle", que ameaça a demo-

cracia, com tanto maior perfeição preparam o caminho para que Thorez promova o extermínio da democracia. Copiam os truques que Estaline empregou para atingir o poder supremo. Há contudo uma pequena diferença. Enquanto ia subindo, Staline não ia levando consigo suas esposas, nem Sfanidze, nem Alilueva, nem Kaganovitch. Ao lado de Thorez, porém, na sua marcha, aparece sempre a "camarada Jannette Vermeche, à qual se comunica também o halo que envolve o marido. Recentemente, quando mme. Vermeche deu à luz um terceiro "herdeiro presuntivo", o jornal de Thorez caiu em êxtase. O povo francês ouviu todos os detalhes do feliz acontecimento, inclusive a comvente história das flores que enchem o quarto de mme. Vermeche no hospital, e a magnanimidade com a qual ela ordenou que se distribuíssem braçadas de flores entre as outras pacientes do hospital, as quais "ficaram profundamente comovidas com esse gesto de infinita delicadeza".

"THE NEW LEADER"

De A. Makar, correspondente do NEW LEADER em Paris.

## LIVROS QUE MARCARAM ETAPAS NO DESENVOLVIMENTO DO SOCIALISMO ANTES DO MANIFESTO DE 1847

- 1516 — UTOPIA, de Tomás Moro
- 1623 — A CIDADE DO SOL, de Tomás Campanella
- 1656 — OCEANIA, de James Harrington; um Estado ideal baseado na equitativa distribuição da terra.
- 1735 — O TESTAMENTO, de Jean Meslier, pároco francês, obra que permaneceu inédita até que Voltaire dela publicou um extrato em 1726. É uma severa crítica às instituições políticas, sociais e eclesásticas da França; defende a propriedade coletiva, a abolição das religiões, o matrimônio livre (leia-se amor livre, no seu verdadeiro significado), etc., e concita as nações a unirem-se contra os tiranos.
- 1755 — CÓDIGO DAS LEIS DA NATUREZA, de Morelly; propõe a abolição da propriedade privada; trabalho obrigatório para todos desde 20 a 40 anos; trabalho agrícola obrigatório para todos desde 20 a 25 anos; educação comum etc.
- 1796 — PRINCÍPIOS DE LEGISLAÇÃO, de Mably; ataque à propriedade privada, onde vê o autor as origens de todos os males.
- 1805 — AÇÃO DA CIVILIZAÇÃO SOBRE AS MASSAS, de Carlos Holly; propugna lutar contra os antagonismos do regime capitalista, contra a riqueza e a expansão da miséria. Demonstra a necessidade da abolição da desigual distribuição de bens materiais.
- 1808 — TEORIA DOS QUATRO MOVIMENTOS, de Charles Fourier, seguindo-se TRATADO DA ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA DOMÉSTICA (em 1822) e O NOVO MUNDO INDUSTRIAL, publicado em 1829.
- 1812 — NOVA CONCEPÇÃO DA SOCIEDADE, de Robert Owen, seguida de OBSERVAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DO SISTEMA MANUFATUREIRO, em 1815 e em 1817; rompe abertamente contra as religiões, e em 1821 dá à publicidade seu sistema social inspirado em idéias coletivistas.
- 1812 — CIÊNCIA DA LÓGICA, de Jorge Frederico Hegel, que antecede a AS LINHAS FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA DO DIREITO, obra aparecida em 1821, em que é exposto o princípio da evolução dialética de todos os fenômenos.
- 1817 — PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA E FISCAL, de David Ricardo.
- 1817 — A INDÚSTRIA, de Saint Simon, que precede a O SISTEMA INDUSTRIAL, publicada em 1821; CATECISMO DOS INDUSTRIALIS, em 1824 e NOVO CRISTIANISMO, em 1828.
- 1823 — HISTÓRIA DA CONSPIRAÇÃO DE BABEUF, de Miguel Buonarroti.
- 1833 — A HUMANIDADE COMO É E COMO DEVERIA SER, de Guillerme Weitling.
- 1840 — O QUE É A PROPRIEDADE, de Pedro Proudhon e VÍAGEM À ICARIA, de Etienne Cabet.
- 1841 — A ESSENCIA DO CRISTIANISMO, de Luiz Feuerbach.
- 1843 — CÓDIGO DAS LEIS DA COMUNA, de Teodoro Dezamy.
- 1845 — A SAGRADA FAMÍLIA, de Marx e Engels; A SITUAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA NA INGLATERRA, de Frederico Engels.
- 1847 — A MISÉRIA DA FILOSOFIA, de Carlos Marx.
- 1848 — O MANIFESTO COMUNISTA, de Marx e Engels.

## A marcha soviética nos Balcãs

A notícia de que o Parlamento rumeno aprovou por quase unanimidade a dissolução do Partido Agrário, do Sr. J. Maniu, o que implica numa maior consolidação do domínio comunista no governo de Bucareste, é relacionada pelos observadores locais como os rumores circulantes nesta capital acerca da subida de uma virtual ditadura na Hungria, sob a direção do ministro do Interior, Sr. Laszlo, filiado ao Partido Comunista, a quem foram conferidos poderes para nomear; remover, transferir e exo-

nar todos os funcionários da administração pública.

Com a dissolução do Partido da Liberdade e com o expurgo sofrido pelo dos Pequenos Proprietários, o único partido opcionista que ainda existe na Hungria é o Partido Democrático Católico, que já obteve a autorização do Conselho Aliado de Ocupação para iniciar suas atividades. Além disso, no tenso pa-

norama político balcânico, o problema grego está adquirindo cada dia maior importância. Nos últimos dias foi lançada uma intensa campanha de rua contra o atual governo de Atenas.

Grande número de boletins apareceram nas ruas, aparentemente lançados de aviões, nos quais se acusa o governo grego de "pertubar a paz dos Balcãs". Os panfletos "convocam o povo para se organizar, a fim de impedir que a Grecia se transforme numa cabeça de ponte contra as democracias balcânicas.

## A nova sede de "Vanguarda SOCIALISTA"

VANGUARDA SOCIALISTA transferiu sua redação e administração do local em que se encontrava para a rua Mexico, 98-7.º andar, sala 708.

Todos os companheiros e leitores que desejem procurar o nosso semanário podem, diariamente, das 17 horas em diante, dirigir-se àquele local, onde serão atendidos até às 20 horas.

ANNABEL.

## AS LIBERDADES SOB O REGIME "MAIS DEMOCRÁTICO DO MUNDO"

No congresso do Partido Social-democrático da Baviera tomou parte, como hóspede, o presidente da secção berlinense (setor aliado) do mesmo partido, Franz Neumann. Esclarecendo a situação na zona russa da Alemanha, declarou o líder socialista:

"É difícil imaginar-se a que ponto vão as perseguições na zona leste da Alemanha, que assumiram proporções incalculáveis. Um exemplo: em fins de maio de 1945, foi libertado, após dez anos de prisão no campo de concentração hitlerista, o oficial de polícia dos tempos da Alemanha democrática, Karl Heinrich, que em junho do mesmo ano desapareceu sem deixar vestígio. Residência Heinrich no setor britânico de Berlim, mas são frequentes os sequestros de social-democratas das zonas aliadas por agentes policiais russos, que os fazem desaparecer nos porões da NKVD. H milhares de casos semelhantes.

Na zona leste da Alemanha, temos atualmente mais campos de concentração do que nos tempos de Hitler."

Outro orador, Erich Ollenhauer, declarou, no mesmo congresso, que na zona russa da Alemanha foram construídos recentemente dez novos grandes campos de concentração ainda não inaugurados.

# 2.º Aniversário de Vanguarda SOCIALISTA

COMEMORANDO O SEU SEGUNDO ANIVERSÁRIO DE EXISTÊNCIA, VANGUARDA SOCIALISTA REALIZARÁ NO DIA 5 DE SETEMBRO PROXIMO, NO BAR ALPINO, ÀS 20 HORAS, UM JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO.

TODOS OS LEITORES E SIMPATISANTES QUE DESEJEM PARTICIPAR DESSA REUNIÃO SOCIALISTA, DEVEM DIRIGIR-SE À NOSSA

REDAÇÃO, DAS 17 ÀS 20 HORAS, ONDE PODERÃO ADQUIRIR OS CARTÕES PARA O JANTAR - COOPERAÇÃO, QUE JÁ SE ACHAM À VENDA, AO PREÇO DE CR\$ 60,00.

COMPAREÇA, SEM DEMORA, À NOSSA REDAÇÃO AFIM DE INTEIRAR-SE DO PROGRAMA ORGANIZADO PELA COMISSÃO

A DIREÇÃO

## DISTURBIOS NA ZONA SOVIÉTICA DA ALEMANHA

A despeito das medidas severas que as autoridades soviéticas tomaram contra as greves e demonstrações públicas, em Schenebeck realizou-se uma demonstração de protesto contra o regime de fome imposto à população. Foram feitas numerosas prisões. Demonstrações semelhantes realizaram também em outras cidades da zona russa. Em Dresden o comitê de greve espalhou panfletos, em que se exigia o aumento das rações de pão e de outros produtos, em "justa compensação" pela redução das rações de batatas. Entre outras coisas, diziam esses panfletos: "Companheiros e companheiras! Olhai para nossos "líderes proletários"... Eles engordam cada vez mais — e nós passamos fome... Temos aí novos criminosos que enriquecem à custa de nossa miséria."

## A REPRESSÃO DE FRANCO CONTRA OS MONARQUISTAS

A polícia franquista descobriu há tempos uma importante imprensa clandestina que trabalhava para os monarquistas em casa da duquesa de Valencia. O governo, como sanção, impôs-lhe residência forçada em... sua residência, autorizando-a a sair à rua somente para ir... à missa.

Este fato foi amplamente divulgado pela imprensa estrangeira, que não tem espaço para denunciar os crimes e as torturas do franquismo contra os militantes socialistas e proletários.

# Características do imperialismo russo stalinista (1)

JULIAN GORKIN  
I

Para um grande número de pessoas torna-se um pouco difícil admitir que a Rússia bolchevique, revolucionária, internacionalista, que aboliu um dia a propriedade privada, distribuiu a terra entre as massas camponesas pobres, estabeleceu o monopólio do comércio exterior e planejou a economia de acordo com o sucessivos planos quinquenais, tenha podido converter-se, no transcurso de alguns anos, em um monstruoso nacionalismo, e um dos mais violentos e agressivos imperialismos. Ainda hoje se discute a fundo em torno da

natureza do Estado Russo. É um Estado proletário degenerado? É um capitalismo de Estado dominado por um coletivismo burocrático? É um Estado revolucionário obreiro que evolui para formas democrático-burguesas?

Para determinada imprensa reacionária, desejosa de explorar fantasmas com o fim de justificar suas posições de extrema direita, a URSS continua sendo um iminente perigo revolucionário internacional. Para importantes setores liberais e democrático-burgueses, em crise com relação a estes valores tradicionais e ansiosos de evolução e modernização, a URSS não pode demorar em converter-se em uma democracia padrão. Isto somente vem provar uma coisa: que estes pobres e órfãos setores pequeno-burgueses, desejosos de descobrir uma tábua de salvação, somente são capazes de

evoluir da miopia à cegueira. Em todo caso, a confusão a respeito do Estado russo constitui um dos grandes problemas de nosso tempo

A URSS é hoje, a meu ver, um Estado burocrático, militarista e, no final das contas, totalitário. Burocrático, porque suprimiu até o menor átomo de democracia popular e porque uma minoria burocrática rege-o ditatorialmente. Pode dizer-se, ainda, que é um Estado burocrático dirigido autocráticamente, uma vez que a própria burocracia fica subordinada, de fato, à pessoa do ditador, do autocrata. Os Soviets, antigos órgãos democráticos e populares do poder, deixaram de ter e exercer todo e qualquer poder efetivo, como o deixaram de ter as células do Partido Comunista. Podemos dizer que até deixaram de ter existência real. Adquiriu (a URSS) seu caráter

continua na 2.ª pág.

## GILBERTO FREIRE E OSVALDO DE ANDRADE DISCUTEM O QUE NÃO SABEM

Os srs. Gilberto Freire e Osvaldo de Andrade travam atualmente uma "polemica" sobre neo-marxismo e post-marxismo, que na verdade não passa de mero passatempo de intelectuais bem fornidos, sem qualquer outra preocupação senão a de exibicionismo.

O Sr. Gilberto Freire, cuja obra "Casa grande e Senzala", com a qual ganhou os galões de grande sociólogo, é o retrato da sociedade canavieira vista do ponto de vista da classe dominante, como muito bem acentuou o professor Joaquim Ribeiro, nunca se declarou marxista, nunca defendeu as doutrinas de Marx, nunca as aplicou em suas obras. Basta verificar-se em "Casa grande e Senzala" as páginas em que critica o marxismo, considerando-o instrumento imaterial e incapaz de análise social.

O sr. Osvaldo de Andrade não passa de um intelectual que gosta de armar o efeito, por suas atitudes. Do marxismo, talvez não tenha nem entendido o "Manifesto Comunista". Por isso, aceitou as posições de Earl Browder, o ex-chefe stalinista que dirigiu o P. C. dos Estados Unidos até a vitória sobre a Alemanha, e que foi o condutor da chamada linha de "Teerá". Osvaldo de Andrade não sabe, ou finge não saber, que o que Browder defendia nada mais era do que a linha traçada pela diplomacia soviética, que precisava dos Estados Unidos na guerra contra a Alemanha.

Ficam os srs. Gilberto Freire e Osvaldo de Andrade discutindo em torno do sr. Earl Browder, que é apenas um agente da Rússia. Antes, na qualidade de chefe do Partido Comunista americano e agora na qualidade de concessionário das edições soviéticas nos Estados Unidos, o que lhe dá uma renda formidável.

O sr. Gilberto Freire jacta-se de ter precedido o sr. Browder. E' preciso saber qual a glória que o sociólogo de Apipucos reivindica, pois o que Browder fez é fazer servir dum ou doutro modo, aos interesses da Rússia.

O marxismo nada tem a ver com toda essa questão de Browder, o centro da "polemica" dos srs. Osvaldo de Andrade e Gilberto Freire.

O intelectual pernambucano cita para dar o xeque-mate no seu colega paulista, Haldane, que é um mascarado defensor do stalinismo.

O post-marxismo gilbertiano vale tanto quanto o neo-marxismo andradiano: nada tem a ver com o marxismo. Os dois intelectuais brasileiros revelaram que não sabem nem caracterizar uma posição política, tão clara com o a de Browder. E, para quem se mete a crítico e a reformador ou superador de doutrina, exige-se uma condição: o conhecimento das idéias que critica, o domínio da doutrina que deseja reformar ou superar.

E os srs. Osvaldo de Andrade

## "Memento Mori"

Enfim aconteceu o que devia acontecer há muito tempo. A paciência do povo esgotou-se. A classe dominante, que monopolizou todos os bens materiais, os exploradores e especuladores de toda sorte, tornaram a vida do povo insuportável. Desta verdade não se pode fugir.

A última gota, que fez transbordar a taça dos sofrimentos do povo, foi o aumento desproporcional das passagens dos bondes e ônibus. Esse pesado encargo caiu sobre os ombros do povo espoliado, que não pode mais suportar os novos e intermináveis aumentos dos preços de todas as utilidades.

O 1.º de Agosto será inscrito na história das lutas populares pelo direito à vida como um ato de desespero, que podia ter consequências muito mais graves. Não está excluída a possibilidade de repetição de tais atos, pois o atual governo de São Paulo, a exemplo dos seus antecessores, está longe de ser uma felicidade para o povo.

Não obstante as promessas demagógicas do Sr. Adhemar de Barros, a situação econômica do povo agravou-se muito, não apresentando sinais de melhoria. Os especuladores de São Paulo, encorajados pela inatividade e complacência dos governos, na ânsia de enriquecimento rápido, chegaram a extremos na espoliação do povo. Infelizmente, esse "espírito de espoliação" contaminou também os poderes públicos, que aumentam sem cessar os encargos do povo. Nesse estado de coisas, é natural que a Companhia Municipal de Transportes Coletivos, criação genial do interventor Macedo Soares, companhia essa que não é outra coisa senão a própria Prefeitura de São Paulo, não se desviasse dessa "linha", aumentando de 100 e 150% os preços das passagens.

Isso foi demais, mesmo para o povo ordeiro e pacífico de São Paulo. O protesto assumiu formas dignas de lástima, embora bem compreensíveis, como um ato de desespero. As depredações e destruições de veículos de transporte coletivo, propriedade da "Companhia", tiveram início às 11 horas no dia 1 de Agosto. Logo formou-se uma compacta massa de povo, de dezenas de milhares, que durante seis horas, com fúria inaudita, incen-

dou e Gilberto Freire, pela "polemica" que mantém, demonstram que não possuem essa condição. José Almeida

continua na 2.ª pág.

SEMÁRIO MARXISTA — CIRCULA ÀS SEXTAS-FEIRAS

# Vanguarda SOCIALISTA

ANO II

Sexta-feira, 15 de Agosto de 1947

N. 103

## Em perigo a democracia no Perú?

Especial para VANGUARDA SOCIALISTA

Ely O. Collas Sisniegas

Lima, Perú — Novo sistema político impera no Perú, desde 28 de Julho de 1945. Depois de mais de 15 anos de ogmínias, de despotismo, de crimes, e de vexames, o povo vive e exerce com plenitude as liberdades fundamentais do homem. Não há perseguição por idéias; intelectuais, jornalistas, poetas e artistas podem falar e escrever seus pensamentos; os sindicatos, partidos políticos e o povo exercem seu direito de reunião com a certeza de que a força pública não intervirá.

No Congresso Nacional, a apresentação do povo revoga as leis de repressão, a cuja sombra se cometeram os mais horribes crimes que registra a história do Perú, como o terrível massacre de seis mil cidadãos em Trujillo, epilgo sangrento de um esforço no sentido de restaurar a Constituição, deturpada pelos usurpadores do governo. Dá-se uma anistia ampla, chegando o povo e seus representantes ao Cárcere Público para estreitar, em um grande abraço, seus irmãos que sofriram a detenção por exigirem que se respeitassem os direitos do homem. A Pátria requer que se realizem tarefas importantes, e por isso chama os cidadãos probos e empreendedores a contribuir para seu ressurgimento, visto que, devido às ambições, ao empirismo e ao desprezo dos tiranos, ela apresentava sensível atraso no concerto das nações americanas.

Tendo por lema: "E' preciso criar riqueza para o que não a tem", inicia-se a obra de Justiça Social, que em 1931 o Partido Aprista formulou em seu vigor, porque durante esse tempo os tiranos se dedicaram a perseguir os apristas.

Mas o apelo generoso do Partido do Povo à fraternidade, à paz e à contribuição de todos os setores políticos ao fortalecimento da democracia, ao progresso da nação, não foi ouvido. Ao descontentamento que o triunfo democrático do povo fez nascer entre os homens que detiveram o governo, desfrutando

sem contróle o Tesouro Nacional em cem anos da república, seguiu-se a organização de uma campanha de sistemática obstrução a todos os projetos, leis e obras destinados ao bem-estar do povo e ao progresso da nação.

Vemos assim, em heterogêneo conglomerado, os elementos que mais se caracterizaram como perseguidores e inimigos do povo: seus exploradores nas extensas fazendas e latifúndios, que com seu esforço e sofrimento amassaram grandes fortunas. Elementos que desempenharam os mais tristes papéis nos ministérios. Individuos que se enriqueceram desavergonhadamente com os fundos públicos. Outros que, escrevendo elogios, vestiram as indumentárias muscolianas declarando-se "fascistas". E os comunistas crioulos, os mais dóceis instrumentos dos tiranos que ensanguentaram o país; elementos que se destacaram pelo oportunismo, pela corrupção e pelo servilismo. A plutocracia e a oligarquia que, em conlulo com os aventureiros e os jornalistas venais, publicam libelos contra a democracia e contra os que a sustentam.

Híbrida conjunção de mentalidades que constituem o cenário da história e da cultura. Aliança que resume o ódio, a ameaça de retorno à mais negra e horrível noite do passado peruano.

Inspiram conspiratas, fomentam greves, intrigam contra a unidade sindical, conspiram contra as forças armadas, insinuam a dispersão do Congresso pelo Exército, desprestigiam a Pátria no exterior, cometem toda sorte de crimes, procurando implicar na sua trama senadores, um ex-ministro, um jornalista, um deputado, cidadãos pacíficos e honrados. Um chefe de investigações, instrumento da política vil, arrogando-se atribuições que não tem, impõe provas forjadas. E nessa base clamam pela intervenção do Exército, para a implantação de um governo forte e pedem a dissolução do Partido Aprista Peruano.

Porque o Partido Aprista é um organismo doutrinarío, filosófico, político, uma força popular organizada e moderna, que, com

visão clara, intuitiva e realista, encara e resolve os problemas do país, com soluções nacionais. Opuseram-se à sua obra esclarecedora de Justiça Social, porque os impostos aumentaram sobre os grandes capitais estacionários, sobre as fortunas improdutivas, e os latifúndios foram expropriados em benefício dos camponeses. Não querem que a cultura esteja ao alcance do povo, opõem-se à instrução secundária gratuita, atacam a reforma universitária; a Lei de Imprensa, o Seguro Social, o Subsídio das Municipalidades, a abolição do imposto sobre o sal, o Congresso Econômico Nacional, a Corporação Financeira, os pagamentos da Dívida Externa, a Corporação do Petróleo, a Caixa de Crédito Municipal, o aumento de ordenados e salários dos empregados, professores, operários, soldados e oficiais, o pagamento da gratificação pela Vitória da Democracia na Europa, o rompimento de relações com Franco e outros projetos que constituem um grande avanço no caminho da redenção social.

A estes, a reação não opôs projetos melhores, mas apenas sua crítica apaixonada e destituída de fundamentos científicos, mostrando, em seus libelos, sua pobreza intelectual e a virulência de seus ódios e rancores.

O povo de Perú, coerente e consciente, continuará, sereno e altivo, nas fileiras do Partido Aprista, porque, através de três tiranias, durante mais de quinze anos, durante os tempos mais difíceis, sacrificando o que tinha de melhor, manteve-se no caminho da retidão, não arriando jamais as bandeiras da Liberdade e da Justiça Social.

E' um partido que agrupa a maioria dos peruanos: estudantes, operários, camponeses e empregados, intelectuais, profissionais, comerciantes, pequenos proprietários e industriais, e tudo o que é sincero, progressista no Perú. E' um partido de austeridade moralidade, de disciplina consciente, de ação generosa e fraterna. Partido que é, para a democracia no Perú, uma garantia de continuidade e sobrevivência.

"A liberdade, a liberdade, eis todo o meu sistema: liberdade ao infinito, liberdade absoluta, liberdade por toda parte e sempre" - (PROUDHON)